

## Quando meio ambiente é notícia em Zero Hora e Correio do Povo

Carine Massierer

**Resumo:** A partir dos critérios do Jornalismo Ambiental propomos a discussão dos valores/notícia empregados às matérias de meio ambiente, durante as rotinas de produção nas editorias de geral de Zero Hora e Correio do Povo, em outubro de 2006. O conceito teórico de valor/notícia utilizado por Wolf e a metodologia da observação participante nos dão embasamento para contatarmos que os valores/notícia aplicados às matérias de meio ambiente são os mesmos utilizados como critério definidor para publicação de outros temas vinculados a editoria de geral. No entanto, esses valores/notícia estão em confronto com os critérios estabelecidos pelo Jornalismo Ambiental.

**Palavras-chave:** Jornalismo Ambiental; matérias de meio ambiente; valores/notícia; rotinas de produção

### Introdução:

O Jornalismo Ambiental estabelece como desafios a incorporação da visão sistêmica – ou seja, parte da concepção de que é necessário se compreender o todo, sem isolar as partes – a ampliação do número de fontes da área a serem consultadas, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada das notícias de meio ambiente de forma que o jornalismo possa contribuir para o bem público.

No entanto, estes critérios não são específicos do Jornalismo Ambiental uma vez que os referenciais teóricos do Jornalismo também são construídos a partir destas lógicas, a exceção da incorporação da visão sistêmica.

A incorporação da visão sistêmica no jornalismo diário é um dos pontos essenciais para a qualificação do conteúdo sobre meio ambiente repassado pelos jornais. Isso porque, segundo os pesquisadores em Jornalismo Ambiental, as notícias são publicadas com uma visão fragmentada a respeito dos assuntos ambientais. Segundo John (2001), isso acontece porque os profissionais da área não têm formação específica para o tema e em razão das

editorias não dispõem de um espaço definido para o meio ambiente e nem para uma “cultura ambiental”.

O fato das notícias ambientais serem apresentadas de forma fragmentária e isolada deriva não só destes dois fatores, mas também da falta de contextualização das informações e ao fato de que a complexidade de interações do meio ambiente com a economia, a política, a cultura e a sociedade não se reflete no conteúdo. Isso acontece, de acordo com Hannigan (1995, p.79), porque as matérias jornalísticas são socialmente construídas e influenciadas pelas rotinas de produção instituídas nas empresas. “Apesar de a construção de notícias poder ser influenciada por factores políticos e culturais, é geralmente vista como resultado de rotinas organizacionais a que não se pode fugir dentro da sala de imprensa.”

Por conhecer a influência das questões organizativas e de outros fatores na construção das notícias ambientais é que Trigueiro (2003, p.77) propõe que os profissionais da mídia promovam a discussão ambiental por meio do resgate do “sentido holístico e do carácter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento”.

O sentido holístico e o carácter multidisciplinar fundamentam-se no pensamento sistêmico onde tudo é visto de maneira interligada, formando um sistema de múltiplas interações. Assim, o pensamento sistêmico tem como pressuposto que “todo organismo – animal, planta, microrganismo ou ser humano – é um todo integrado, um sistema vivo” (CAPRA, 2003, p. 23).

Como aliar então a proposta de um jornalismo sistêmico a uma prática que - apesar de se estruturar como um processo complexo de captação da realidade - se consolida na representação dos fatos ambientais de forma fragmentária e dispondo de um conteúdo sem profundidade?

A falta de profundidade nas matérias sobre meio ambiente se deve à complexidade deste campo e às dificuldades enfrentadas no jornalismo de ter que apresentar as co-relações com os fatores econômicos, políticos, culturais e sociais em um curto espaço, como ressalta Bacchetta (2000).

Belmonte (2004) afirma que mesmo que existam dificuldades de compreensão e de readequação das informações ambientais, que são complexas, para uma linguagem jornalística que segue regras de produção permeadas pela cultura profissional dos

jornalistas, pela forma de organização do trabalho e pelos processos de produção, “o repórter deve ser capaz de juntar as pontas para mostrar o nexo entre assuntos tradicionalmente desconectados na colcha de retalhos do noticiário cotidiano. Uma teia de significados precisa ser alinhavada para possibilitar uma compreensão pública do fenômeno urbano” (BELMONTE, 2004, p.16-17).

Então, para que o meio ambiente tenha uma abordagem qualificada na imprensa, os jornalistas:

[...] deverão mudar, e seu modo de pensar, fragmentário, deverá tornar-se holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura (CAPRA, 1982, p.400).

Além da incorporação da visão sistêmica pelos jornalistas, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada, o Jornalismo Ambiental tem como desafio a ampliação do número de fontes da área a serem consultadas, para que as matérias não fiquem centradas somente nas opiniões daqueles que representam o poder instituído. É fundamental então que se faça uma reflexão sobre a qualidade das informações ambientais repassadas pela imprensa uma vez que, segundo Girardi (2001, p.60), “o jornalismo ambiental informa, forma e faz um papel educativo, cumprindo com a missão de contribuir com a construção da cidadania, desde a perspectiva local à perspectiva planetária”.

Essa reflexão, a respeito da qualidade das matérias de meio ambiente, é feita a partir da Teoria do Newsmaking, proposta por Wolf (2005), que leva em conta que a notícia é construída socialmente. Assim, a notícia é influenciada pelas rotinas organizativas e de produção jornalística, pelos valores/notícia e pelas fontes. Nos detemos, neste artigo, a analisar somente a influência dos valores/notícia na elaboração das matérias de meio ambiente.

### **Os valores/notícia como conceito**

Os valores/notícia, conceito utilizado por Wolf (2005), é um dos componentes da noticiabilidade e operam de modo complementar. O autor também ressalta que os valores/notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção, contribuindo para a hierarquização das matérias, seu posicionamento na página e o enfoque da reportagem.

Os valores/notícia são, ainda, referências que auxiliam na elaboração complexa e rápida dos noticiários, o que faz com que sejam aplicáveis sem muita reflexão. No entanto, precisam ser comparáveis e relacionáveis, uma vez que é necessário encontrar parâmetros comparativos para efetuar a escolha e devem ser flexíveis. Em caso de ocorrência de novos fatos, a substituição obedece a critérios rápidos e fáceis, por isso as escolhas devem ser racionalizadas. O objetivo final é garantir a eficiência, sem desperdício de esforços ou recursos, com uma quantidade adequada de notícias em um tempo hábil para obedecer às rotinas do processo industrial:

Assim, os valores/notícia e as condições de produção estão intimamente interligados de forma a contribuir para o abastecimento das páginas do jornal, auxiliando na seleção, dentre uma gama de ocorrências, de quais serão transformadas em notícia e se tornarão públicas. Além disso, há a hierarquização feita na edição vinculada ao espaço disponível e ainda os recursos humanos e tempo adequado para a apuração dos fatos e elaboração da notícia.

### **Os valores/notícia na prática**

Os valores/notícia são dinâmicos, ou seja, são reajustados e redefinidos de acordo com as dinâmicas sociais, com o setor ou tema a que estão sendo vinculados, bem como aos argumentos em que estão sendo empregados e ao assunto a ser abordado. A especialização dos jornalistas também está ligada aos valores/notícia, uma vez que vinculam-se a temas específicos e têm o compromisso de conseguirem matérias. No entanto, nas editorias de geral de Zero Hora e Correio do Povo não há repórteres específicos para cada área. Todos têm que estar aptos para acompanharem qualquer assunto. Exceções acontecem no Correio

do Povo, onde as chefias de reportagem procuram repassar as pautas aos “repórteres que têm mais afinidade com o tema”.

Para Wolf (2005), os valores/notícia derivam de critérios substantivos das notícias e do seu conteúdo, da disponibilidade do material e dos critérios relativos ao produto, ao público e à concorrência. Os critérios substantivos estão ligados a importância e ao interesse da notícia. Quatro variáveis estão envolvidas neste processo de categorização de importância e relacionam-se ao grau e ao nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável e ao impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional. A terceira variável refere-se à quantidade de pessoas que o acontecimento envolve. A última ressalta o critério de relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.

Wolf (2005) ressalta que enquanto as notícias consideradas importantes são selecionadas “obrigatoriamente”, o elemento do interesse dá lugar a uma avaliação mais heterogênea, mais aberta às opiniões subjetivas, menos vinculadora para todos. O interesse está então ligado às imagens que os jornalistas fazem do público.

Os jornalistas que trabalham nas editorias de geral de Zero Hora e Correio do Povo que acompanharam a elaboração de matérias de meio ambiente, durante o período da pesquisa, salientaram o interesse do leitor pelo tema e a relevância do acontecimento como critérios utilizados para a seleção de determinado fato para a publicação e até como definidor de espaço para o tema.

Com relação ao nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento noticiável o que percebemos, durante a observação, foi que as fontes “designadas” pela imprensa para falar do assunto foram aquelas vinculadas a órgãos governamentais. Esta escolha se deve ao fato de que as fontes de poder instituído ainda imperam no meio jornalístico conseguindo maior destaque e maior espaço em razão da disponibilidade de atendimento aos jornalistas, por demonstrarem-se receptivos ao atendimento à imprensa com objetividade e pelo fato de serem considerados confiáveis.

Os jornalistas de Correio do Povo e Zero Hora também demonstraram preocupação com relação às informações repassadas pelas fontes, por isso a decisão de buscar mais de uma versão para os fatos com a intenção de que transpareça ao leitor a

intenção do jornal em praticar um jornalismo independente, focado no interesse público e não no das fontes.

Muito mais importante que o nível hierárquico das fontes como geradores de notícias ambientais, o impacto sobre a nação e interesse social foram, com certeza, os fatores que determinaram a noticiabilidade da mortandade de peixes no Rio dos Sinos. Mas o que se registrou foi que, em virtude da repercussão do assunto na imprensa, muitos políticos, representantes de Prefeituras, órgãos ambientais vinculados aos governos estadual e federal passaram a promover ações visando à recuperação do rio e a preservação do meio ambiente.

A mortandade de peixes foi, então, tema diário das manchetes, inclusive trazendo a versão das pessoas mais prejudicadas com a morte de 1 milhão de peixes, no caso os pescadores. Ao dar espaço na capa para demonstrar a desolação de quem vive da pesca, a edição de 10 de outubro de Zero Hora procurou trazer aos leitores informações da quantidade de pessoas afetadas pelo acontecimento. A decisão de Zero Hora e também do Correio do Povo foi continuar publicando o assunto também porque todas as empresas de rádio e televisão continuaram veiculando a matéria do desastre ambiental no Rio dos Sinos, “inclusive a Folha de São Paulo”, como salientou o editor de geral de Zero Hora à pesquisadora. Nas edições seguintes, os dois jornais continuaram a divulgar o tema, tendo em vista que a mortandade de peixes pudesse se justificar por problemas de contaminação na água que serve também para o consumo da população da região. O assunto então passou a ser de interesse geral da população em razão da relevância e da significatividade do acontecimento para a sociedade.

Os valores/notícia substantivos, portanto, referem-se ao interesse e à importância do acontecimento. Além disso, para que uma ocorrência se transforme em notícia é preciso que seja de conhecimento das mídias noticiosas, que aconteça em um horário no qual é possível ao veículo realizar a cobertura com fácil acesso ao jornalista e sem demandar muitos custos para a empresa. Ou seja, é preciso que possa ser tecnicamente tratado por meio das rotinas de produção.

São valores/notícia relacionados ao produto, à disponibilidade de material e às características específicas do meio de comunicação. De nada adianta ocorrer um fato

extraordinário em um local inacessível em que as condições de transmissão de informações sejam difíceis ou impossíveis. Se o investimento para realizar a cobertura for muito grande, o veículo não irá noticiar o fato. É claro que, em função da relação com outros valores/notícia, o evento pode ter pontos relevantes que justifiquem a despesa. Foi o que aconteceu durante o desenvolvimento de uma pauta no Correio do Povo sobre suspeitas de irregularidades no Rio Gravataí, publicada na edição de 19 de outubro de 2006, onde o repórter aproveitou o deslocamento de um fotógrafo até o ponto de captação da Corsan para tentar entrevistar o Comando Ambiental da Brigada Militar. Como não foi possível porque a equipe já havia saído para fazer vistorias em Viamão e Gravataí e ele precisava juntamente com o fotógrafo cumprir outras pautas, teve que recuperar o assunto por telefone, posteriormente, quando chegou à redação.

Também são relacionados ao critério produto as condições técnicas e organizacionais e os limites do próprio meio. Por isso que apenas em uma das edições a editoria de geral de Zero Hora acompanhou a elaboração das matérias do Rio dos Sinos. Ficou definido desde a primeira edição que a pauta ficaria sob coordenação da central do interior e o desenvolvimento dela com a correspondente do Vale do Sinos, porque a mortandade aconteceu em São Leopoldo, que é a área de atuação desta equipe.

Ao acompanhar a rotina de elaboração desta matéria junto a central do interior, em Porto Alegre, percebemos que muitas das matérias foram elaboradas por telefone e, em alguns casos, o fotógrafo da Casa Zero Hora Vale do Sinos foi ao local e depois passou informações para que a repórter pudesse descrever na matéria como estava a situação no local. Essa foi uma forma encontrada pela empresa de conseguir que os repórteres de geral cumprissem outras pautas definidas para eles e que a correspondente acompanhasse o tema, mas ao mesmo tempo, mantivesse a sua produção diária.

A primeira matéria foi toda feita por telefone. A mortandade aconteceu no sábado e a gente ficou sabendo no domingo de tarde. Na verdade talvez a gente deveria ter ido, mas o horário que se ficou sabendo era tarde e o pessoal já tava saindo com o barco para verificar. Então a gente não ia chegar a tempo de ir junto no barco. Então acabou se fazendo por telefone e usando fotos da própria FEPAM que nos enviou. A segunda matéria também foi feita por telefone e como eu tava de folga quem fez foi a menina de Lajeado. Mas o fotógrafo foi até o local e descreveu para a repórter o que tava lá. Ele conseguiu até o telefone para ela conversar com pescadores de lá. “Eu vi a matéria que ela fez e achei que

ela tinha ido lá. Foi assim, ficou bem fechadinha” (Repórter de ZH em entrevista à pesquisadora).

No Correio do Povo, a recuperação das matérias por telefone, em razão do tempo que o repórter tinha para cumprir a pauta também foi presenciada durante a pesquisa no dia 18 de outubro de 2006. Como a pauta que estava sendo feita era sobre a audiência pública em Novo Hamburgo, a respeito da mortandade de peixes no Rio dos Sinos, e exigia o deslocamento para outra cidade e a presença do repórter por um bom tempo foi definido que o este deveria realizar as entrevistas por telefone:

Os dados apurados pelo repórter serviriam para complementar a matéria sobre a divulgação, em 19 de outubro de 2006, dos nomes das empresas responsáveis pelo desastre ambiental. No entanto, no momento da edição as informações da audiência em Novo Hamburgo foram retiradas para que o conteúdo se adaptasse ao espaço disponível.

A brevidade é outro critério que se refere ao produto, uma vez que o processo desde a captação até a transformação das informações em notícia tem que ser objetivo para que tenha condições de oferecer uma lista maior e mais representativa dos acontecimentos durante o dia. A notícia é vista ainda como resultado da ideologia da informação, outro critério relacionado ao produto. A origem e o tipo de evolução da empresa jornalística, as crenças relacionadas ao público, a espetacularização dos fatos e a própria organização do trabalho jornalístico são intervenientes na ideologia da notícia. Portanto, está estreitamente ligada à forma fragmentária da cobertura (WOLF, 2005).

Assim, são noticiáveis, em ordem de prioridade, os eventos que constituem uma infração, os que alteram a rotina. Para que meio ambiente fizesse parte do rol de matérias a serem publicadas, o critério preponderante entre os jornalistas e editores foi esse, como explicou um dos jornalistas de Zero Hora:

Normalmente meio ambiente vira pauta quando tem um fato, infelizmente é quando tem algum problema, quando acontece algum desastre ou quando mesmo que não seja um desastre nessas proporções, quando tem um vazamento de óleo, quando tem um caminhão com combustível tomba, normalmente se faz matéria sempre (Repórter de ZH em entrevista à pesquisadora).

A novidade também é um valor/notícia ligado ao produto. Os eventos noticiáveis devem ter ocorrido no intervalo de tempo entre uma edição e outra para serem classificados como novidade. Conforme declarou um dos repórteres do Correio do Povo, “para meio ambiente virar notícia tem que ser um fato que chame a atenção”. Caso contrário, cabe ao próprio repórter buscar em um assunto já abordado anteriormente uma nova perspectiva para os fatos.

Às vezes a correria do dia-a-dia não nos deixa parar para pensar, que é que pode ser feito de meio ambiente ou de qualquer outro assunto também (Repórter de ZH em entrevista a pesquisadora).

Como a imprensa manteve o interesse em continuar divulgando matérias referentes ao desastre ambiental no Rio dos Sinos, isso fez com que também as autoridades agendassem ações que passaram a ser desenvolvidas a cada dia de crise. Cada ação acabou desencadeando a construção de novas matérias, e este ciclo de retro-alimentação se manteve durante todo o período da pesquisa, o que não acontece normalmente na editoria de geral, já que repórteres e editores dos dois jornais observados revelam que normalmente não são publicadas notícias de meio ambiente neste espaço a não ser que seja um fato que rompa com a rotina cotidiana.

Referem-se ainda ao produto, os critérios da qualidade da história (incluindo a ação, o ritmo, o caráter exaustivo, a clareza da linguagem e os padrões técnicos mínimos) e do balanceamento, que é a composição equilibrada do noticiário em seu conjunto. Percebe-se a busca de equilíbrio na divulgação das informações nos jornais pesquisados à medida que há uma preocupação dos editores em aproximar nas páginas, quando há possibilidade, matérias de áreas afins:

A gente procura primeiro juntar as matérias de meio ambiente, por temas, para não ficar solta numa página aqui e ali. “Se procura fazer uma edição mais temática [...]”. “O nosso espaço tu sabes que é pouco”. Eu pego o material dou uma avaliada assim para saber qual é o conteúdo e aí que eu vou para a diagramação e decido lá o que vai ser abertura ou o que não vai ser abertura da página. O que dar mais destaque ou não (Editor do CP em entrevista à pesquisadora).

Os critérios relativos ao meio também devem ser levados em conta no momento de divulgação da notícia. A quantidade de tempo de exibição, a riqueza do material visual, a frequência (capacidade do evento em ocorrer e gerar significados dentro do espaço de tempo de produção da edição) e o formato (os limites de espaço e tempo característicos de cada produto) também são fatores relevantes quando se fala em meio de divulgação das notícias. Com relação à frequência de publicação das matérias de meio ambiente na editoria de geral, o editor de Zero Hora sintetiza a percepção que tivemos nas redações durante este estudo:

Para Zero Hora, a edição visual da página é um ponto importante no processo diário de produção do jornal e é objetivo do veículo obter um efeito visual capaz de atrair a atenção do leitor. Assim, a capacidade do evento em gerar boas imagens também pode ser apontada como um valor/notícia importante, ou que pode influenciar a definição do espaço destinado à matéria, se terá a publicação de uma foto ou se a página será colorida. Em razão disso, todos os dias a Zero Hora deslocou ao local do desastre ambiental do Rio dos Sinos um fotógrafo para que tivesse novas imagens do acontecimento. Além disso, em algumas matérias a editoria de arte produziu material especialmente para acompanhar os textos, produzindo um efeito visual atrativo.

No Correio do Povo, essa produção especial da página com valorização da estética não aconteceu porque o foco é o conteúdo, este é o critério mais relevante, pois as páginas já montadas não permitem nem a ampliação de fotos e a rara utilização de tabelas ou gráficos.

Existem também os critérios relativos à imagem que os jornalistas constroem do público. É um valor/notícia de difícil definição porque há muitos contrastes. De um lado, os jornalistas conhecem pouco seu público e, de outro, a referência e o apelo às necessidades e às exigências dos leitores são constantes durante a rotina produtiva, como ressaltou um dos jornalistas.

Quanto mais repercussão eles imaginam que vai ter pro público, mais espaço tem a matéria (Repórter de ZH em entrevista à pesquisadora).

Os comentários ouvidos nas ruas, em conversas informais ou que chegam às redações e os e-mails e ligações telefônicas aos jornalistas e coordenadores de produção e chefias de reportagem servem de parâmetro para saber a avaliação de um determinado tema pelo público. No caso de meio ambiente, o editor-executivo de Zero Hora comenta que o interesse do público por matérias ambientais é baixo, o que acaba determinando também o espaço que o tema ocupa no jornal. Porém, um dos repórteres afirma que quando são publicados assuntos de grande repercussão, como a mortandade de peixes no Rio dos Sinos, a sociedade se manifesta.

A opinião das fontes também parece influenciar os jornalistas, que revelam satisfação ao ouvir elogios às reportagens ou repercussões. Por outro lado, as exigências do público são cada vez mais presentes nas rotinas de produção. Muitas pautas foram desenvolvidas no Correio do Povo, durante o período de observação da pesquisa, com o objetivo de dar um retorno ao público que informou as pautas, como aconteceu na rotina da redação no dia 20 de outubro de 2006 quando foi sugerida uma pauta sobre o corte de árvores.

De todos os valores/notícia, ainda resta-nos avaliar os relativos à concorrência, inter-relacionados com a competição entre os veículos de informação por matérias exclusivas e furos de reportagem, com a seleção de determinadas notícias por se acreditar que os outros veículos irão noticiar e o desencorajamento de inovações, o que contribui para a semelhança entre as coberturas de Zero Hora e Correio do Povo.

Os dois jornais pesquisados são os que possuem maior tiragem diária no Rio Grande do Sul, concorrendo pela busca de anunciantes e leitores já que o seu poder de influência na sociedade é semelhante. Na redação, essa disputa se dá em busca de fatos exclusivos, entrevistas ou enfoques que o outro jornal não teve acesso. Durante a observação, foi possível perceber uma preocupação quanto ao risco do concorrente publicar a notícia, por isso o acompanhamento permanente nas salas de redação dos noticiários pelo rádio e televisão, principalmente quando se referiam ao desastre ambiental do Rio dos Sinos.

### **Considerações finais**

Durante o período da pesquisa, o que observamos foi que a pauta ambiental permaneceu prevalecendo como uma das escolhidas, pois a mortandade de peixes no Rio dos Sinos se configurou como o maior desastre ambiental envolvendo este rio. A relevância do tema, a importância e o interesse público motivaram a cobertura da imprensa, inclusive internacional. O receio de que a concorrência pudesse largar na frente também fez com que os jornais dia-a-dia mantivessem o acompanhamento do fato e planejassem matérias especiais.

Mesmo que o aspecto subjetivo individual do jornalista motive algumas escolhas, os valores/notícia aplicados às matérias são de uso comum e de conhecimento de todos da redação, o que só pode ser alterado em função das características editoriais das publicações que seguem as empresas. Como os aspectos editoriais não se alteraram durante o estudo, as regras para as matérias ambientais são as mesmas empregadas a outros temas, porém a relevância do desastre ambiental no Rio dos Sinos motivou a ampliação de espaços para a divulgação e que este tema fosse abertura de página. Em virtude da obtenção de mais espaço, em alguns casos, a abordagem também foi modificada uma vez que a quantidade de informações coletadas também foi maior, e a matéria teve seu conteúdo aprofundado.

Como um dos limites para as matérias de meio ambiente nos jornais, registramos o fato de que o próprio espaço na página reservado às editoriais de geral é um limitador na medida em que muitos assuntos precisam ser publicados. No Correio do Povo, essa questão do espaço foi definida pelos entrevistados como determinante para a escolha do que vai ser publicado ficando vinculado mais ao factual e para a definição da objetividade e síntese que deve ser empregada no conteúdo. Mesmo dispondo de um espaço mais amplo nas páginas de Zero Hora do que no Correio do Povo, isso não garante às matérias de meio ambiente um tratamento diferenciado das ocorrências ligadas a outras temáticas que também disputam espaço diariamente na editoria de geral para serem publicadas. Outro fator limitante para empregar às matérias de meio ambiente – maior complexidade e não fragmentariedade – como busca o Jornalismo Ambiental, é a brevidade que tem que ser empregada durante todo o processo de produção.

Não podemos esquecer que, apesar dos fatores de relevância, impacto e interesse público e a factualidade terem sido aspectos definidores da permanência de publicação das notícias sobre a mortandade de peixes no Rio dos Sinos, outros valores/notícia permaneceram influenciando o processo. Há uma sintonia entre os profissionais que não nos permite dizer que o jornalista toma decisões unicamente a partir de seus conhecimentos ou vontades, mas faz isso em sintonia com um conhecimento compartilhado nas redações.

Assim, os valores notícia aplicados as matérias de meio ambiente são os mesmos utilizados como critério definidor para outros temas vinculados a editoria de geral. No entanto, esses valores/notícia estão em confronto com os critérios estabelecidos pelo Jornalismo Ambiental. Isso porque, apesar da notícia integrar um processo complexo de recorte e reconstrução da realidade, ela acaba, por muitas vezes, refletindo uma visão fragmentada dos fatos ambientais. Além disso, o conteúdo acaba não tendo um aprofundamento suficientemente necessário para que o leitor compreenda a complexidade de relações que envolvem as questões ambientais.

Essa é uma barreira que o Jornalismo Ambiental ainda precisa transpor no jornalismo diário: aliar a sede de repasse de informações permeada por fatores organizacionais e mercadológicos que influenciam diretamente o processo, a um ideal de qualificação do conteúdo e transversalidade do tema.

## **Referências:**

- BACCHETTA, Victor L. El Periodismo ambiental. In: \_\_\_\_\_. **Ciudadania planetária**. Montevideo: International Federation of Enviromental Journalists, 2000. p. 17-21.
- BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sergio Vilas (Org.). **Formação & Informação Ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004. p. 15-48.
- CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: o desafio para a Educação do século 21. In: TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo; Cultrix, 1982.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourino. O jornalismo ambiental nos cursos de jornalismo. In: JACKS, Nilda et al. **Tendências na comunicação: 4. ed.** Porto Alegre: L&PM, 2001.
- HANNIGAN, John A. Os meios de comunicação social e a comunicação ambiental. In: HANNIGAN, John A. (Org.). **Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 79-101.

- JOHN, Liana. Imprensa, meio ambiente e cidadania. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria: UFSM, n.23, p. 87-94, jul./dez. 2001.
- NELSON, Peter. **Dez dicas práticas para a reportagem sobre o meio ambiente**. Brasília: WWF, 1994.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2003.
- TRIGUEIRO, André. Meio ambiente na idade mídia. In: TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio Ambiente no Século 21**: 21 especialistas falam da questão nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.